

O CORPO (IM)PERTINENTE

Portanto, eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte.Nada mais há na vida do que beber até ao fim o vinho da iluminação e renascer outra vez. Riqueza ou miséria, ciência, glória, vexame, e a política e até a arte para tantos artistas, conhecimento no corpo e no espírito – quantos modos de esquecer ou de não saber ainda o pequeno problema fundamental.

*Vergílio Ferreira
Aparição*

Todos os nossos actos visam a nossa conservação e destruição, porque nós somos a vida e a morte em conflito.....

*Teixeira de Pascoaes
Prólogo
(XVIII)*

Na sequência do trabalho já realizado em momentos anteriores, num percurso ainda breve mas que se desenha conseqüente, Mariana Moranduzzo, desenvolveu nos três meses de residência artística no Museu Casa-Oficina António Carneiro, em articulação com a Unidade Curricular de Modelação e Moldagem na FBAUP, um conjunto de elementos que dão continuidade e consolidam esse trabalho já iniciado.

Matéria, objectos e espaços, processos e tecnologias e naturalmente o tempo, são transversalmente marcados pela presença do corpo na arte e indissociáveis do problema de *justificar a vida em face da inverosimilhança da morte*¹.

É justamente na metamorfose do corpo físico, em que o tempo transforma a matéria e, num contexto muito alargado de meios e processos, em que os órgãos e as suas mutações se assumem como objecto reconhecível e significante, que Mariana Moranduzzo desenvolve o seu trabalho.

Através de moldes directos do seu próprio corpo, que lhe serve de modelo, constrói objectos em que o negativo por vezes define a forma, evidenciando a presença da morte pela ausência do corpo (do positivo). Noutros momentos, o molde (a matriz) dá origem ao corpo (ao positivo) que se desmultiplica em semelhantes mas distintos elementos, colocados, quase sequencialmente, no espaço.

Outros objectos nos confrontam colocados em suspensão. Obtidos a partir de modelação e da moldagem directa sobre órgãos de animais, remetem-nos para o percurso das matérias, no decorrer dos tempos, confrontando-nos com a realidade mais ou menos dura da permanente transformação dos nossos corpos, anunciando o retorno à matéria pura e desumanizada, a terra, depositada sobre o solo.

É então através de formas e, sobretudo através de volumes e instalações, que o(s) corpo(s), referido(s) constantemente por Mariana Moranduzzo, sugere(m), por vezes órgãos vivos, que quando apresentados em grupo, chegam a poder aceder à condição de organismos. Estes órgãos e/ou organismos, remetem-nos para a vida mas também para a constante mutação dos corpos a que se supõe poderem pertencer ou ter pertencido, alterando-os até um nível de degradação que já não os pode mais associar à vida que chegaram a sustentar.

Contudo, não estamos perante um corpo individualizado, pois enquanto volume num plano, ou num espaço, sem conceitos de identidade, ele assume o valor de objecto, definido por massas, volumes, planos, linhas, cores e texturas. Apenas, por vezes, apresenta marcas de sexualidade (género): a da autora.

¹ FERREIRA, V. (1994). *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editora

Tal como para a própria arte, o desenho assume-se em alguns destes trabalhos (destes órgãos) também como estrutura, sendo em simultâneo imagem e presença, respectivamente representação e volume. Os elementos colocados sobre o chão, com pigmento negro, são construídos a partir de folhas de papel desenhadas e depois modeladas. A condição inerente à folha de papel como suporte altera-se tornando-se matéria, constituindo-se como forma orgânica. Neste caso, fragmentos de uma certa paisagem com matéria, o pigmento sugerindo a terra, remetem-nos ao silêncio da solidão e a Novalis quando afirmou que *As plantas são pedras mortas, os animais são plantas mortas* e que *Estamos sós com tudo aquilo que amamos*.

O corpo (im)pertinente é, afinal e também a ferramenta, que permite uma relação entre o trabalho de que vimos falando com a obra de António Carneiro, uma vez que a arte sempre usou o corpo para falar de coisas que lhe eram alheias. O corpo humano sempre se converteu em símbolos vários a que o simbolismo manifesto e característico de António Carneiro com toda a sua carga existencial, não será alheio.

Susana Piteira
Janeiro de 2012

Fontes:

CHAFES, R. (ED.)(1992). *Fragmentos de Novalis*. Lisboa: Assírio e Alvim.

FERREIRA, V. (1994). *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editora.

FRANCO, A. C. (ED.)(2002). *Poesia de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Assírio e Alvim.